

EDITORIAL

O Ceib conseguiu publicar este ano o número 4 da revista **Imagem Brasileira**, graças à grande colaboração da professora Rosana Paster, Secretária de Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo, onde foi realizado o **V Congresso do Ceib**, em 2007.

Entre 15 e 19 de setembro foi realizado o **VI Congresso do Ceib**, sob a coordenação da professora Dra. Nancy Regina Mathias Rabelo e sua equipe, constituída por profissionais ligados à preservação do patrimônio: Geisa Alchorne, Adilson Figueiredo, Maria de Lourdes Cervo Germini, Dom Mauro Fragoso - OSB, Rejane de Oliveira e Fátima Justiniano.

Também foi muito importante a participação dos estagiários, alunos de Nancy e de Geisa no Cefet/RJ e no Faetec/RJ respectivamente.

Foram pronunciadas cinco brilhantes conferências, e importantes professores de universidades do Rio de Janeiro presidiram as diversas mesas de trabalho.

Na **Assembleia do Ceib**, realizada no dia 18, foi sugerido que o **VII Congresso**, que deverá acontecer em 2011, seja realizado em Salvador, na Bahia. O Diretor do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor Francisco de Assis Portugal Guimarães, que estava presente, aceitou levar essa sugestão à UFBA e já comunicou à diretoria do Ceib a aprovação da Pós-graduação em Artes Visuais da UFBA a essa proposta.

Agora, que estamos próximos do Natal e do fim de 2009, a diretoria do Ceib deseja a todos muitas felicidades e que o novo ano de 2010 seja repleto de alegrias e realizações.

QUE ANDA NAS CABEÇAS E ANDA NAS BOCAS: REFLEXÕES ACERCA DE UMA DEVOÇÃO ANDALUZA NO RIO DE JANEIRO COLONIAL

Ana Ruiz Gutierrez*

Márcia Bonnet**



Bernardo Asturiano, Romería de Nuestra Señora de la Cabeza, 1680-1690, óleo sobre tela, 166x256 cm, Museo del Santuario de Nuestra Señora de la Cabeza, Andujar, Jaén, Espanha. Fonte: Andalucía Barroca – Fiesta y Simulacro. Málaga: Consejería de Cultura, 2007

Há mais do que um oceano separando a América da Europa. E, se em tempos coloniais pessoas e mercadorias podiam levar meses para completar a travessia do Atlântico, modelos formais e iconográficos, que além das rotas marítimas percorriam os itinerários das ideias, circulavam por muitas cabeças e muitos esboços até chegar a se concretizar em uma obra. Por esses caminhos, os modelos adotados, europeus em sua origem, iam adquirindo novos elementos até que, por fim, se materializavam, muitas vezes, em resultados muito distantes do modelo inicial. No caso específico da iconografia colonial, é possível observar transformações que vão desde a mudança de atributos nas imagens até a alteração de práticas devocionais.

Nesse contexto, a figura da Virgem parece ter sido uma das mais abordadas pelos arroubos criativos dos

fiéis coloniais. É possível encontrar, pelo Brasil afora, variações locais em relação aos modelos iconográficos convencionais na representação de várias invocações, entre elas Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Boa Morte. Há ainda mal-entendidos, como, por exemplo, em relação às invocações de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da Soledade, que podem parecer afins a alguns olhares incautos, mas que se relacionam a momentos distintos da vida de Maria. No Brasil, muitas vezes, as duas invocações são confundidas entre si e, por vezes, aparecem amalgamadas em uma só representação.

Um dos casos mais curiosos é, sem dúvida, o da invocação de Nossa Senhora da Cabeça, uma devoção de origem espanhola que remonta ao século XIII. Conta a tradição oral que São Eufrásio, discípulo do apóstolo São Tiago (Santiago)



*Nossa Senhora da Cabeça, Século XVII
Madeira policromada, 48 cm de altura
Coleção Província Carmelitana de Santo Elias, Rio de Janeiro.
Fonte: SANTA MARIA, Agostinho de (Fr.)
Santuário Mariano, Rio de Janeiro: INEPAC, 2007*



*Nossa Senhora da Cabeça, Igreja do Antigo Convento do Carmo
Rio de Janeiro, final do século XVIII-início do XIX*

e primeiro bispo de Andújar, na província espanhola de Jaén, na Andaluzia, ao chegar à Espanha trazia consigo uma imagem da Virgem Santíssima, de quem era devoto, cuja autoria era atribuída a São Lucas.¹ No século VII, quando Andújar foi ocupada pelos árabes, os andujarenhos a esconderam entre as pedras em um dos serros mais altos e inacessíveis da Sierra Morena, tentando assim evitar sua profanação.

Cinco séculos depois, em uma Andújar já reconquistada por Fernando III, o Santo, conta a lenda que na noite de 11 para 12 de agosto de 1227, estava Juan Alonso de Rivas, pastor oriundo de Colomera, província espanhola de Granada, cuidando de seu rebanho em Arjona – ainda

que fosse residente em Andújar – quando começou a ver umas luzes estranhas no alto de um morro e a ouvir sinos que dobravam sem parar. O pastor assombrado dirigiu-se, então, vencendo as pedras e a vegetação que cobriam o caminho, para o alto do monte conhecido como “La Cabeza” (A Cabeça), tendo encontrado ali, na concavidade entre duas pedras, a imagem de Nossa Senhora.²

Para que desse testemunho perante o povo de Andújar de tão milagroso achado e como prova da aparição, o pastor, que tinha um defeito no braço direito, ficou curado. Diante do assombroso acontecimento, muitos habitantes da cidade acorreram ao alto do monte, onde encontraram a imagem tal como o pastor

havia indicado. A imagem foi, então, levada à cidade, ficando depositada na Igreja de Santa María la Mayor, onde logo se começou a lhe render culto.

Os andujarenhos construíram capelas em San Amancio e em San Gines, nas proximidades de Andújar, mas, como a intenção da Virgem era que o povoado lhe edificasse uma capela no serro onde apareceu, conta-se que a imagem em várias ocasiões desapareceu da igreja onde estabeleciam seu culto e sempre tornava a ser encontrada no lugar onde queria que construíssem sua casa. Os habitantes de Andújar finalmente compreenderam e aceitaram os desejos de Nossa Senhora e começaram a construir um templo dedicado ao seu culto no alto do “Cerro de

la Cabeza”, sob a denominação de *Virgen de la Cabeza*.³

Durante a guerra civil espanhola (1936-1939), o santuário foi invadido e destruído, tendo, nessa ocasião, desaparecido a imagem da Virgem.⁴ Na época, foi atribuída ao Capitão da Guarda Civil, Santiago Cortés, sua ocultação no entorno do santuário. Entretanto, segundo publicou o jornal ABC de Madrid, em outubro de 1939, a imagem teria sido levada a Valência. Nesse artigo do jornal, aparece uma foto da imagem original acompanhada de um texto que diz: “JAEN.- La milagrosa Virgen de la Cabeza, que se venera en el santuario destruido por los rojos y que éstos hicieron desaparecer, ha sido encontrada, en Valencia, en el domicilio de un chofer”.⁵

Desde então, tem-se tentado recuperar a imagem, inclusive com a realização de escavações no entorno do santuário de Nuestra Señora de La Cabeza, sem que se tenha, até o momento, obtido êxito. Em Valência também se desconhece o paradeiro da imagem. Alguns acreditam que foi destruída durante a Guerra Civil, outros pensam que poderia ter sido levada para o México nas mãos de algum devoto da Virgem. Até o momento, desconhece-se seu paradeiro.

A imagem que se venera atualmente no santuário é obra de José Navas Parejo⁶ e data de 1944, tendo sido encomendada depois do desaparecimento da antiga. A nova versão representa a Virgem como mãe e senhora sentada em um pequeno trono sem espaldar, trazendo o Menino Jesus em seu braço esquerdo e um pequeno fruto avermelhado em sua mão direita, sendo este último interpretado como um medronho (*madroño* em espanhol, espécie *arbutus unedo*), dada a abundância desse fruto na Sierra Morena.⁷

Todos os anos, no dia 12 de agosto, data da comemoração anual da aparição da Virgem, os fiéis podem contemplar a imagem coroada e coberta com seu manto de rainha. Tanto em sua versão original, como na imagem atual, pode-se perceber a cor morena de sua pele, que lhe deu o apelido de *La Morenita* (A Moreninha), como se observa em uma quadra local:

Morenita y pequeña
lo mismo que una aceituna,
una aceituna bendita,
Morena de luz de luna,
Meta de jiennense anhelo.



Nuestra Señora de la Cabeza, Santuário de Nuestra Señora de la Cabeza, Andújar, Jaén, Espanha.

Fonte: <http://www.catolicosonline.es/noticia/1870-and%C3%BAjar-ja%C3%A9n-a%C3%B1o-jubililar-de-la-sant%C3%ADsima-virgen-de-la-cabeza>

Moreninha e pequenina
O mesmo que uma azeitona,
Uma azeitona bendita,
Morena da luz da lua,
Meta ansiada pelos jienenses.*

(* Jienense é aquele que é natural da província andaluza de Jaén. Tradução das autoras).

A devoção parece ter chegado ao Brasil

entre o primeiro e o segundo séculos de colonização. A fonte impressa mais antiga que se conhece mencionando a existência da devoção na colônia é o Santuário Mariano, de Frei Agostinho de Santa Maria (1642-1728).⁸ Frei Agostinho relata que havia no Rio de Janeiro uma capela dedicada à Nossa Senhora da Cabeça em um engenho de água que ficava em Jacarepaguá, atualmente bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, e que teria pertencido

Foto: Beatriz Coelho, 2009



*Ex-votos dedicados a Nossa Senhora da Cabeça
Igreja do Antigo Convento do Carmo, Rio de Janeiro*

a um certo Rodrigo da Veyga, que, por conseguinte, o teria vendido a Salvador Correa de Sá e Benevides (1602, Cádiz – c.1688, Lisboa), descendente de Mem de Sá (c.1504, Coimbra? –1572, Salvador), terceiro Governador-Geral do Brasil, e de Estácio de Sá (c.1520-1540, Coimbra – 1567, Rio de Janeiro), fundador da cidade do Rio de Janeiro e primeiro Governador-Geral da Capitania do Rio de Janeiro.⁹

Salvador Correa de Sá e Benevides recebeu em 1627 o título de alcaide-mór da cidade do Rio de Janeiro, tendo sido ainda Governador da Capitania do Rio de Janeiro (1637-1643). Nasceu em Cádiz, na Andaluzia, tendo se casado com Catalina de Ugarte y Velasco, uma rica viúva *criolla* da região de Tucumán, hoje parte da Argentina. O que Frei Agostinho de Santa Maria omite é que Martim Correa de Sá (1575-1631, Rio de Janeiro), que também foi Governador do Rio de Janeiro e era pai de Salvador Correa de Sá e Benevides, já havia mandado construir anteriormente uma capela dedicada à mesma invocação mariana: uma das construções mais antigas do Rio de Janeiro ainda hoje existentes.¹⁰

A capela de Nossa Senhora da Cabeça do antigo Engenho Real, atualmente localizada na Rua Faro, no bairro Jardim Botânico, parece ter sido construída no início do século XVII, seguindo os desejos da esposa de Martim Correa de Sá, Marfá de Mendoza y Benevides, filha de Dom Manuel de Benevides, Alcaide-mor e

Castelão da Fortaleza de Santa Catalina na ilha de Cádiz, na Andaluzia, e que seria devota de Nossa Senhora da Cabeça.¹¹ Lembremos que Dona Maria de Mendoza y Benevides era também mãe de Salvador Correa de Sá e Benevides.

Sendo assim, como a devoção a Nossa Senhora da Cabeça já se fazia presente na família Sá e Benevides antes da aquisição do engenho de Jacarepaguá, é possível que a ermida neste último local tenha sido construída por Salvador Correa de Sá e Benevides - que, aliás, também nasceu em Cádiz, como sua mãe - e não por Rodrigo da Veyga, como afirma Santa Maria. Permanece, entretanto, claro, que a devoção chega ao Brasil em data bastante recuada no período colonial, quem sabe trazida pelos indivíduos de origem espanhola da família Sá e Benevides.

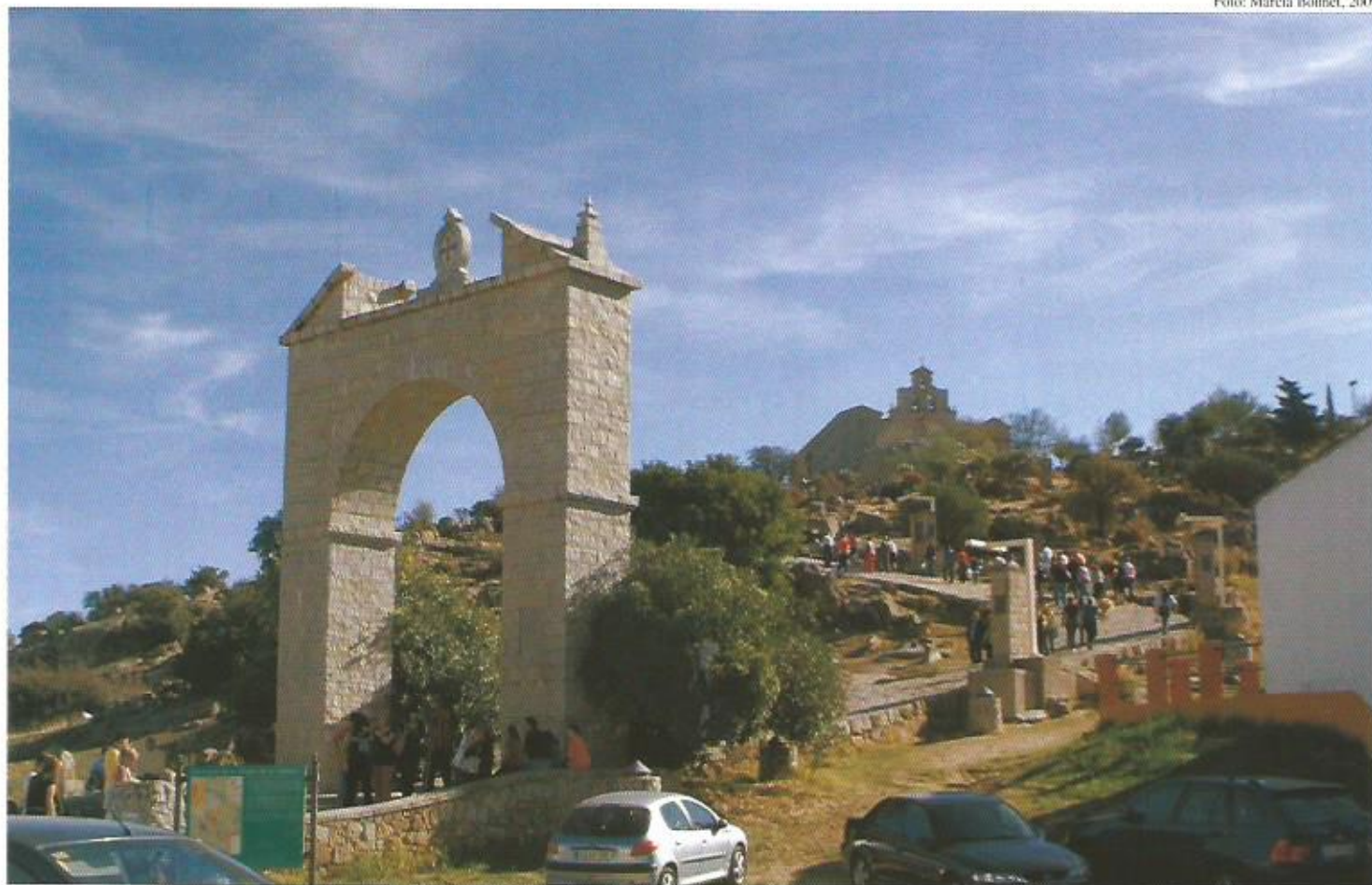
Desconhecemos a imagem que originalmente habitava a capela seiscentista do Jardim Botânico. Da imagem citada no Santuário Mariano, restam-nos apenas fotografias. Nelas é possível observar na imagem uma característica inusitada quando a comparamos com as representações andaluzas da mesma invocação: a imagem colonial traz na mão direita uma cabeça. Lembremo-nos de que o título “Nossa Senhora da Cabeça” se refere ao local onde foi avistada a aparição da Virgem – o “*Cerro de la Cabeza*” na *Sierra Morena* – e não a qualquer milagre ou proteção relacionando a cabeça,

enquanto parte do corpo, à invocação em questão. Não obstante a afirmação do próprio Frei Agostinho acerca da imagem do engenho de Jacarepaguá:

Neste Engenho está hũa hermida dedicada a nossa Senhora sob o titulo da Cabeça, que obra muytas maravilhas, a favor de todos os que padecem dores na cabeça, & assim He buscada com grande freqüência, & muyta devoção; porque todos os que padecem esta molesta queyxa recorrendo áquela misericordiosa Mãe dos peccadores; logo experimentaõ alivio naquela sua moléstia, & assim He muy freqüentada a sua Casa, & lhe vão offerecer cabeças de cera.¹²

O relato de Santa Maria data do primeiro quartel do século XVIII, o que significa que já àquela época a invocação aparecia na colônia vinculada aos males da cabeça e já lhe ofereciam cabeças de cera por graças alcançadas, ao menos na cidade Rio de Janeiro. Há ainda uma imagem dedicada a essa invocação na igreja do Convento do Carmo do Rio de Janeiro, que foi convertida em Capela Real durante a permanência da Corte na cidade do Rio de Janeiro e mais tarde em Sé, função que manteve até 1977, quando foi inaugurada a Catedral Metropolitana. A imagem parece datar do final do século XVIII/início do XIX. Mais uma vez constatamos a presença de uma cabeça em sua mão direita.

O historiador Carlos Mott, em um breve estudo acerca da influência espanhola nas devoções brasileiras, narra um episódio que parece explicar parcialmente o aparecimento de uma cabeça humana na mão direita das representações brasileiras da imagem.¹³ Mott conta que a Virgem teria salvo da pena de decapitação um condenado inocente, que teria prometido à Virgem uma cabeça de cera caso se salvasse. Mott cita como fonte nesse parágrafo a obra *Memória da Cidade do Rio de Janeiro*, que data de 1965 e é de autoria de Vivaldo Coaracy.¹⁴ Este último, entretanto, não inclui tal narrativa na passagem citada por Mott, mencionando apenas *en passant* a devoção à Nossa Senhora da Cabeça na cidade do Rio de Janeiro. O episódio descrito por Mott, entretanto, aparece também na obra de Nilza Botelho Megale, que trata de invocações marianas no Brasil, em um trecho dedicado à devoção a Nossa Senhora da Cabeça.¹⁵ Megale também não cita a fonte do episódio. Tudo indica tratar-



Santuário de Nuestra Señora de la Cabeza, Andújar, Jaén, Andalusia, Espanha.

se esse episódio de uma adição posterior ao repertório de tradição oral associado à devoção na Andaluzia.

Nossa Senhora da Cabeça no Rio de Janeiro colonial parece ter também adquirido um tom de pele mais claro do que a versão andaluza e original da invocação, esta última descrita como sendo morena como uma azeitona. Além da adição da cabeça na mão direita, encontramos outros desvios do modelo original. Na imagem que atualmente está na igreja do antigo Convento do Carmo do Rio de Janeiro, Nossa Senhora da Cabeça aparece sendo elevada por uma nuvem de querubins, como se costuma representar a Virgem em sua Assunção ou em sua invocação de Imaculada Conceição.

Parece, portanto, que, ao percorrer seu caminho entre a Andaluzia e o Rio de Janeiro colonial, Nossa Senhora da Cabeça adquiriu novos atributos, novas características físicas e novos milagres para seu repertório de tradição oral. Como diz o ditado, *quem conta um conto, aumenta um ponto*. E, neste caso, a história certamente percorreu muitas cabeças e muitas bocas até que chegasse à Colônia.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Beatriz Coelho, que contribuiu com fotos e textos acerca da devoção na colônia, a Carlos Terra e Almir Paredes, pelas indicações bibliográficas, e à Confradía de Nuestra Señora de la Cabeza de Granada, que nos forneceu material iconográfico e nos recebeu no Santuário na Fiesta de Nuestra Señora de la Cabeza em Andújar, Jaén, Andalusia.

* Ana Ruiz Gutierrez é Doutora em História da Arte pela Universidad de Granada, Espanha, e atualmente é pesquisadora do projeto Andalucía-América: arte, cultura y sincretismo estético, na mesma universidade.

** Marcia Bonnet é PhD em História e Teoria da Arte pela University of Essex, Reino Unido (2001). Atualmente é pesquisadora e professora de História e Teoria da Arte na UFRGS, onde coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Arte Colonial (LEPAC). Durante a redação deste artigo contou com bolsa da Capes para estágio pós-doutoral, realizado na Universidad de Granada, Espanha.

NOTAS

1. PÉREZ GUZMÁN, Bartolomé. Tratado del Aparecimiento de Ntra. Sra. de la Cabeza de Sierra Morena. Madrid, 1745. Edição facsimilar. Andújar: Centro de Estudios Marianos "Historiador Salcedo Olid", Academia de Cronistas de Ciudades de Andalucía y Comunidad MM. Trinitarias de Andújar, 1999.
2. Havia recebido este nome por ser um terreno elevado e plano como uma pedra rasa (peña rasa, em espanhol), que se assemelhava à forma de uma cabeça – "al-ra'as" ou "ar-r'ais", em árabe, espanholizado como "Errasa", que significaria a cabeça.
3. GÓMEZ MARTÍNEZ, Enrique. *La Virgen de la Cabeza. Su historia contada de forma sencilla*. Jaén: Liberman, 2009.
4. CALZADO GÓMEZ, Francisco. *El enigma de la Virgen de la Cabeza*. Torredonjimeno, 1991.
5. "JAEN. – A milagrosa imagem da Virgem da Cabeça, que se venera no santuário destruído pelos comunistas e que estes fizeram desaparecer, foi encontrada em Valencia, na residência de um chofer." Tradução das autoras.
6. Natural de Álora, na província de Málaga (22.10.1883 – Granada, 10.03.1953), foi um escultor e joalheiro andaluz.
7. O medronho é um fruto comestível, típico da Península Ibérica. Nasce em uma árvore, o medronheiro, e caracteriza-se por seu formato arredondado, com 1,5 a 4 cm de diâmetro, coberto de grânulos, e que, quando maduro,

adquire tonalidades de vermelho intenso.

8. SANTAMARIA, Agostinho de (Fr). Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se venerão em todo o Bispado do Rio de Janeiro, e Minas, e em todas as ilhas do oceano, em graça dos pregadores, e dos devotos da Virgem Maria nossa Senhora. Rio de Janeiro: INEPAC, 2007, p. 195-196.

9. VAINFAS, Ronaldo (org.) *Dicionário do Brasil Colonial, 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 386-388 e 212-213.

10. Sobre Salvador Correa de Sá e Benevides ver VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial, 1500-1808*, p. 518-20.

11. PEREIRA, Sonia Gomes. *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000, p. 99.

12. SANTA MARIA, Agostinho de (Fr). *Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas...*, p. 195.

13. MOTT, Carlos. *A influência da Espanha na formação religiosa do Brasil*. Salvador: UFBA, 1993, p. 19-20.

14. COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 289.

15. MEGALE, Nilza Botelho. *Cento e sete invocações da Virgem Maria no Brasil: história, folclore e iconografia*. Petrópolis, Vozes, 1980.

CEIB

Presidente de Honra:

Myriam A. Ribeiro de Oliveira

Presidente:

Beatriz Coelho

Vice-Presidente:

Maria Regina Emery Quites

1ª Secretária:

Ieda Faria Hadad Viana

2ª Secretária:

Helena David

1º Tesoureiro:

Elayne Granado Lara

2ª Tesoureira:

Alessandra Rosado

Estagiária:

Juliana Figueiredo de Oliveira

Apoio:

EBA/UFMG

ENDEREÇO

Escola de Belas Artes da UFMG

Bloco D, 2º andar

Av. Antônio Carlos, 6.627

31.270-010 Belo Horizonte, MG

ceib@ceib.org.br

www.ceib.org.br

BOLETIM

ISSN: 1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração

Beatriz Coelho e Helena David

Revisão: Alexandre Habib

Tiragem 500 exemplares

Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.

VI CONGRESSO DO CEIB

Beatriz Coelho
Presidente do Ceib

O VI Congresso do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira realizou-se de 15 a 19 de setembro próximo passado no Rio de Janeiro. A abertura do VI Congresso ocorreu às 19:30h do dia 15 de setembro, na belíssima capela barroca da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, com a apresentação do duo Viola da Gamba.

O Ceib recebeu 162 inscrições, com uma frequência aproximada de 135 participantes. Os conferencistas convidados foram: o professor Dr. Luís de Moura Sobral, da Université de Montreal, no Canadá, que apresentou uma conferência sobre Emblemática e alegoria profana nas artes portuguesa e brasileira da época barroca; o professor Dr. Pablo Amador Marrero, do Instituto de Investigaciones Estéticas da Universidade Autónoma do México, que apresentou a conferência *Del comal a los altares: Los Cristos novohispanos en papel y caña de maíz*, uma novidade para nós, que não temos esculturas com esse tipo de suporte; o pesquisador Eduardo Pires de Oliveira, da Biblioteca Pública de Braga, da Universidade do Minho, o qual falou sobre *Escultura sacra na região de Braga (do século XVII ao século XX)*; o colecionador e ex-diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) do Rio de Janeiro, Sr. Marcus Monteiro, que apresentou trabalho sobre as *Ações de inventário da arte sacra fluminense – 2001/2008, achados e perdidos*; e, por fim, a professora Dr. Anna Maria F. Monteiro de Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), que, por motivos familiares não pôde comparecer, mas enviou sua conferência *Imagens franciscanas do Convento de Santo Antônio*, que foi apresentada pelo Frei Róger Brunório, do convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro.

Foram apresentadas 24 comunicações e 13 posters. Foram feitas visitas guiadas ao Convento de Santo Antônio (por Rejane Oliveira, coordenadora dos trabalhos de restauração que ali se realizam), à Ordem Terceira de São Francisco da

Penitência, com os professores doutores Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Marcos César de Senna Hill, à Igreja e à Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, com orientação da professora Doutora Nancy Regina Mathias Rabelo, presidente da Comissão Organizadora do VI Congresso, e ao Mosteiro de São Bento, com orientação de Dom Mauro Frago - OSB. Na visita à Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, realizada na noite do dia 17, os congressistas puderam apreciar o coral do BNDES, que encantou a todos.

Complementando esses acontecimentos, tivemos o lançamento e distribuição da revista do Ceib Imagem Brasileira, número 4, impressa por oferecimento e colaboração especial da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Esse número da revista está sendo enviado para os inscritos que não puderam comparecer, para os associados do Ceib e para várias bibliotecas de instituições e paróquias. Houve também o lançamento do livro *Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas*, do professor do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Dr. Antônio Gilberto Costa, e ainda o livro *O Convento Franciscano de Cairu: Restauração de Elementos Artísticos*, do restaurador e professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) José Dirson Argolo.

O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – Ceib agradece a todos que apoiaram o Congresso, especialmente à comissão organizadora local, chefiada pela professora Dra. Nancy Regina Mathias Rabelo, à Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, à Fundação Casa de Rui Barbosa, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ao Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow (Cefet/RJ) e ao Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor) da Escola de Belas Artes da UFMG, assim como a todos os participantes que apresentaram comunicações ou posters ou que, simplesmente, nos honraram com sua presença, que muito contribuiu para o sucesso do evento, e pelo estímulo que deram para que o Centro de Estudos da Imaginária Brasileira continue a exercer suas atividades.